

Governo luta para obter

WALDO CAVALCANTI

Brasília, domingo, 26 de janeiro de 1992 5

maioria no Senado

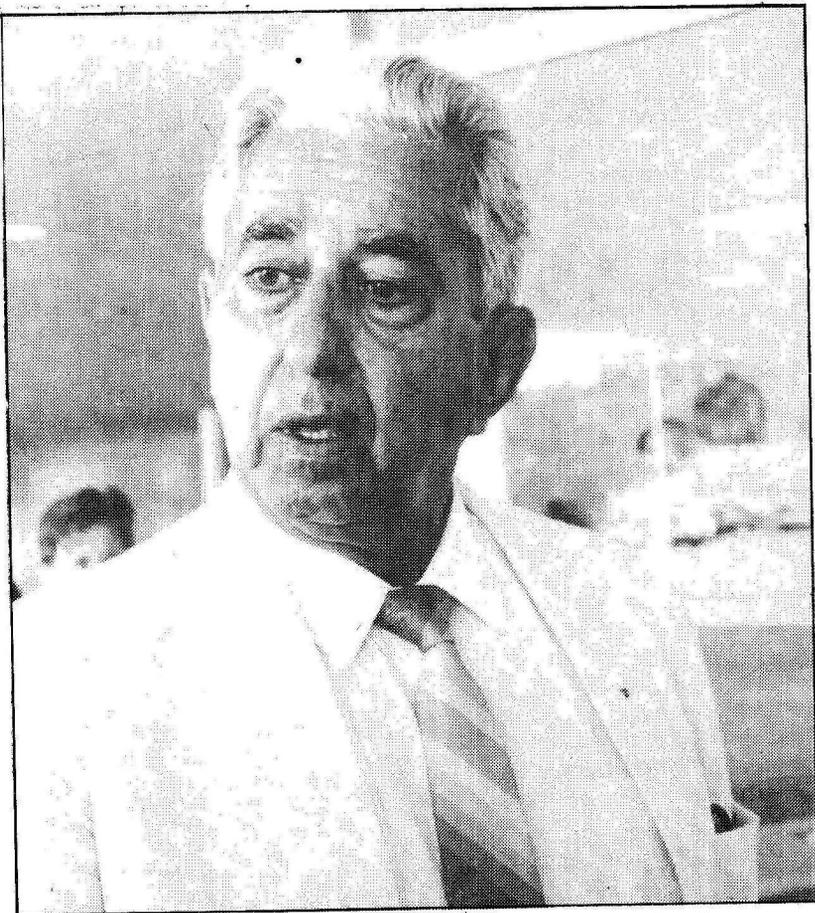
Cláudia Moema

A conquista de uma maioria no Senado, diante do quadro de "temperatura elevada", como reconhece o próprio senador Ney Maranhão (PRN-PE), vice-líder do Governo, parece algo improvável. "Mas até a abertura do Congresso, em 15 de fevereiro, a situação vai se reverter", promete. Isto vai ocorrer "na hora em que os senadores sentirem que o Governo, através de seus ministros, tem consideração. Por enquanto, a coisa está quente, mas o político já está sentindo que terá participação, será prestigiado. Dentro dessas mudanças de impacto do presidente Collor, há a sinalização de que ele quer o entendimento com a classe política. Não vamos desprezar", recomenda Ney Maranhão.

Por outro lado, o Governo deve tratar cada senador como um líder, sugere Maranhão. "Atendendo telefonemas, concedendo audiências, atendendo as reivindicações. Tudo que um senador quer, muitas vezes, é apenas pedir liberação de verba no orçamento para uma obra, como já estava previsto". Apesar de todo o seu otimismo, que começou com as idas das deputados Ricardo Fiuza e Reinhold Stephanes para o ministério, os senadores ainda se rebelam contra o Governo.

Indignado — Após a nomeação dos dois novos ministros, o senador Elcio Alvares (PFL-ES) permaneceu em estado de indignação. Se os senadores já se achavam marginalizados no processo político, disse ele, agora ainda mais porque Fiuza e Stephanes têm mais intimidade com a Câmara. Quanto ao ministro e senador Jarbas Passarinho, Alvares afirma rápido: é mais ministro do que senador. "O governo está dizendo que a bancada é fisiológica mas a ela não teve direito à corresponsabilidade nos espaços políticos. Os senadores do Espírito Santo sempre votam com o governo mas espaço político não temos nenhum. Que prática fisiológica é essa, então?". Ele prenuncia que as dificuldades do governo não serão na Câmara e sim, no Senado.

Ney Maranhão admite que o Senado esteja "machucado". Mas



Ney Maranhão: cuidado com marimbondos, tatus e Suplicys

isto acontece porque as forças políticas estão desarticuladas. A rearticulação vai passar por um novo relacionamento entre senadores e Governo, via ministros. Fiuza no ministério "ajudará muito a coordenação do Passarinho que não tinha tempo para tanta coisa", diz o senador. Isto não é esvaziamento de Passarinho, garante, "porque quando ele se sentir desprestigiado, deixa o ministério na hora". Além do mais, "Fiuza não é doído de passar por cima da autoridade do Passarinho". O que vai ocorrer, informou, é que o ministro da Justiça receberá as reivindicações dos parlamentares e as transmitirá, depois de examiná-las, a alguém com mais sensibilidade política, do que tinha a ministra Margarida Procópio. "Porque ninguém mais do que o Fiuza conhece a figura de cada parlamentar".

Suplicy — Não é nenhuma prática do "é dando que se recebe", assegura. O que muda "é que o sujeito não vai mais chegar com uma pasta e dentro o nome de

alguém para impor um cargo qualquer. Havendo um cargo vago, vai sugerir três ou quatro nomes e caberá ao ministro decidir". Em seu primeiro encontro com Fiuza, após a nomeação deste para o ministério, Ney Maranhão recomendou: "você estará cercado de muito marimbondotatu, cuidado! Vários Suplicys estão olhando para você", numa alusão ao sempre alerta senador Eduardo Suplicy (PT-SP).

A ida de Fiuza — "uma escolha pessoal do Presidente" — para o ministério não é para o Governo estruturar uma maioria na Câmara, diz. "O Governo pensa, sim, em restaurar sua bancada, torná-la mais aguerrida". A tática do Governo, insiste, deve ser a de reestruturar a maioria no Senado. Além de argumentos como Comissão de Orçamento e presidência do Senado e do Congresso, Ney Maranhão acrescenta mais um: "o Senado é o coração da Economia. É lá que serão aprovadas indicações para o Banco Central ou rolagens da dívida externa".